**“UM INIMIGO EM COMUM”: O PATRIARCADO COMO CATEGORIA**

**EXPLICATIVA DA OPRESSÃO ÀS MULHERES E AOS SUJEITOS LGBT**

MOURA, Iago Henrique Fernandes de Sousa 1

OLIVEIRA, Thaisa Vanessa Costa 2

**RESUMO**

O presente artigo tem por finalidade problematizar como o patriarcado, enquanto sistema de dominação dos homens sobre as mulheres, oprime tanto esta categoria quanto os sujeitos LGBT. Para tanto, realizamos uma pesquisa bibliográfica para compreendermos como o patriarcado se estrutura, por exemplo, através da heterossexualidade, que controla o corpo e a sexualidade das mulheres, impondo um regime de orientação sexual “legítimo”, que discrimina e invisibiliza as diversas formas de vivências das relações afetivo-sexuais e identidade de gênero de mulheres e homens. No decorrer do artigo situamos a importância da compreensão das dimensões de classe, “raça” e gênero como organicamente articuladas e fundamentais para analisarmos a condição de dominação das mulheres e dos sujeitos LGBT. O domínio do homem sobre o corpo e a sexualidade das mulheres no interior das relações patriarcal-racista-capitalistas torna-se funcional à reprodução desse modo de produção na medida em que mantém o regime da perpetuação da propriedade privada e da herança. Nessa esteira, a opressão aos sujeitos LGBT ocorre devido a imposição do heterossexismo, um dos eixos de sustentação do patriarcado, que nega a diversidade sexual e de gênero como um dimensão constitutiva da vida humana, por não ter a finalidade de procriar. Concluímos, portanto, que o patriarcado é um dos obstáculos que impede a libertação das mulheres e dos sujeitos LGBT nas mais diversas esferas da vida social, especificamente, na vivência e exercício de autonomia sobre sua sexualidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** HETEROSSEXUALIDADE; MULHERES; PATRIARCADO;

SUJEITOS LGBT.

Em nossa análise, partimos do entendimento de que homens e mulheres são construídos

socialmente como seres resultantes do processo de construção das relações sociais, a partir de

dadas condições objetivas e subjetivas. Entretanto, historicamente identifica-se uma maior

apropriação pelos homens do poder político, do poder de escolha e de decisão sobre a vida

1. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Direitos Sociais (PPGSSDS) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), e-mail: iago\_fsousa12@hotmail.com. Eixo Temático: Identidades de Gênero e Diversidade Sexual.
2. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Direitos Sociais (PPGSSDS) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), e-mail: thaisavc\_olliveyra@hotmail.com. Eixo Temático: Identidades de Gênero e Diversidade Sexual.

afetivo-sexual e da visibilidade social no exercício das atividades profissionais (SANTOS; OLIVEIRA, 2010).

Todavia, é no marco do capitalismo que o patriarcado, compreendido conforme Santos e Oliveira (2010, p. 14) como “sistema de dominação masculina, com constituição e fundamentação histórica em que o homem organiza e dirige majoritariamente a vida social”, vai desenvolver novas formas de dominação-exploração das mulheres.

Nesse sentido, acreditamos ser de fundamental importância congregar em nossas análises os efeitos conjugados de várias relações de poder, entre elas, as relações de sexo, classe e “raça” por entendermos que “patriarcado está sempre enredado em uma trama social e histórica concreta, em que se intercruza com muitas outras variáveis relevantes” (ÁVILA, 2001, p. 31).

Segundo Safiotti (1987, p. 60) “na realidade concreta, essas variáveis são inseparáveis, pois se transformaram, através desse processo simbiótico, em um único sistema de dominação-exploração, aqui denominado: patriarcado-racismo-capitalismo”.

A palavra patriarcado vem da combinação *pater* (pai) e *arkhe* (origem, comando). Portanto o patriarcado é literalmente a autoridade do pai (Delphy, 2009). A família na sociedade de classes tem como centro a relação fundamental entre o proprietário e a propriedade, na qual estão incluídos todos os bens do *pater famílias:* a casa, as terras, o gado, os escravos, os filhos e a esposa.

Historicamente o controle sobre o corpo e a sexualidade feminina foram apropriados pelos homens como mecanismos que sustentam e estruturam o patriarcado, alijando as mulheres da possibilidade de exercerem autonomia sobre seus próprios corpos e destinos e relegando-as, exclusivamente, aos papéis sociais de esposa e mãe.

A ideologia patriarcal-racista-capitalista penetra na consciência dos indivíduos devido à naturalização das relações de dominação e exploração que a alienação produz, fazendo com que as mulheres naturalizem e reproduzam sua condição de subalternidade e subserviência como algo inato ou biológico (CISNE, 2014).

O patriarcado, enquanto sistema de dominação das mulheres, explicita o vetor dessa dominação, nesse caso, do homem que submete à mulher aos seus desígnios e vontades. A noção ampliada dessa submissão, no entanto precisa ser problematizada, no sentido de compreender que os sujeitos LGBT também sofrem os rebatimentos do patriarcado.

Se o analisarmos apenas como sistema que oprime, exclusivamente, às mulheres, ainda que essa análise seja fundamental, estaríamos caindo em um biologiscismo que excluiria do

debate as diferentes masculinidades e feminilidades que são alvo de preconceito e discriminação diante do modelo patriarcal-racista-capitalista ancorado no heterossexismo como norma reguladora das relações afetivo-sexuais.

Pensar o patriarcado exige que articulemos as dimensões de raça/classe/sexo, incluindo a sexualidade, para que possamos elucidar as opressões que marcam as relações sociais, que possuem uma base fundante na estrutura exploradora capitalista, contudo, essas dimensões enriquecem as peculiaridades que marcam as opressões, a partir da constatação da heterogeneidade de raça/etnia, de sexo e de sexualidade (em suas diversas expressões) que coexistem na classe trabalhadora, por exemplo.

Almejamos, com essa análise, explicitar que a dominação do patriarcado sobre a população LGBT não pode ser compreendido apenas na dimensão de opressão do sexo e gênero (feminino), necessitando incluir a dimensão de orientação sexual e identidade de gênero, na medida em que, “a opressão e exploração sobre as mulheres, assim como a constituição do regime da heterossexualidade, são determinados por um sistema: o patriarcado” (CISNE;

SANTOS, 2015, p. 153).

Ressalte-se que quando problematizamos a heterossexualidade como eixo de sustentação do patriarcado, evidencia-se que o modelo vigente de sexualidade imposto pelas relações sociais, oprime além das mulheres com as mais diversas vivências afetivo-sexuais, homens que se relacionam com outros homens ou que possuem sua identidade de gênero destoante do seu sexo biológico, nesse último caso, mulheres trans.

O heterossexismo, uma das bases de sustentação do patriarcado, é “[...] a discriminação e a opressão baseadas em uma distinção feita a propósito da orientação sexual. [...] é a promoção incessante, pelas instituições e/ou indivíduos, da superioridade da heterossexualidade [...]” (WELZER-LANG, 2001, p.467-468).

A negação das mulheres e do feminino faz parte da construção do heterossexismo, que se edifica na ideia de superioridade do homem, noção basilar do patriarcado e do machismo presente na sociedade (WELZER-LANG, 2001). Nessa esteira de raciocínio, os gays afeminados são extremamente discriminados porque se aproximam do feminino, e esse preconceito e aversão é exponenciado contra as travestis. O padrão heterossexista atua na reprodução ideológica que para ser homem é imprescindível não ser associado a uma mulher.

É válido enfatizar que a discriminação perpetrada contra os homossexuais e às pessoas trans precisa ser compreendida no interior das relações materiais de existência, pois “a homossexualidade entra em conflito com a família, que é o que sustenta e serve de base para o

sistema capitalista de reprodução de mão-de-obra barata” (OKITA, 2007, p. 50). Assim, a

noção de reprodução humana para constituição da força de trabalho é um dos eixos explicativos

da negação da diversidade sexual e de gênero nessa sociedade assentada na dominação e

exploração.

**REFERÊNCIAS**

ÁVILA, Maria Betânia. **Feminismos, cidadania e transformação social**. p. 15-51 In: AVILA, Maria Betânia. Et al (org) Textos e imagens do feminismo: mulheres construindo a igualdade. Recife: SOS Corpo, 2001

CISNE, Mirla. **Feminismo e consciência de classe no Brasil.** São Paulo: Cortez, 2014.

\_\_\_\_\_\_; SANTOS, Silvana Mara de Morais. Movimentos feministas e pela liberdade de orientação e expressão sexual: relações com a luta de classes no Brasil de hoje. In: ABRAMIDES, Maria Beatriz; DURIGUETTO, Maria Lúcia. **Movimentos Sociais e Serviço** **Social.** São Paulo: Cortez, 2015.

DELPHY, Christine. Patriarcado (teorias do). In: Helena Hirata...[et al.] (orgs.). **Dicionário** **Crítico do Feminismo.** São Paulo: Editora UNESP, 2009.

OKITA, Hiro. **Homossexualidade:** da opressão à libertação. São Paulo: Editora Sundermann, 2007.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987. (Coleção polêmica).

SANTOS, Silvana Mara Morais. OLIVEIRA, Leidiane. Igualdade nas relações de gênero na sociedade do capital: limites, contradições e avanços. **Revista Katálisys.** Florianópolis v. 13 n. 1 p. 11 a 19 jan./jun. 2010.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia.

**Revista Estudos Feministas**, ano 9, n. 2, 2001.